

REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS.

Área temática: Educación geográfica.

Marcos Bohrer (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. Correio eletrônico: marcosrbohrer@gmail.com).

Vitor Schlickmann (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. Correio eletrônico: vitor.schlickmann@caxias.ifrs.edu.br).

Resumo

O presente artigo pretende fazer uma análise da importância do desenvolvimento de trabalhos de campo no ensino de Ciências Humanas na educação básica. A partir dele, pretende-se refletir sobre as diferentes percepções dos jovens quanto a importância do trabalho de campo. O artigo surge a partir de uma saída de campo das disciplinas de Geografia e Sociologia realizada com alunos do terceiro ano do ensino médio técnico integrado, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Após a realização da atividade, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com os alunos. A partir das entrevistas, buscou-se identificar elementos que reconhecem a importância do estudo de campo, bem como as relações estabelecidas entre o conteúdo e a atividade de campo. Através dessa análise, é possível compreender o trabalho de campo como uma prática de ensino e uma etapa prática fundamental na construção do conhecimento das Ciências Humanas. Pois é no campo que o estudante se aproxima da realidade concreta, podendo então aplicar o aporte teórico recebido em aula e confrontá-lo com a realidade, permitindo assim uma leitura crítica. Com isso, pretende-se reconstruir as práticas docentes, a partir de uma reflexão, tendo como base as entrevistas com os alunos e nossa atividade de campo. De maneira geral, percebe-se, através das entrevistas, um forte envolvimento dos alunos com a atividade de campo, uma vez que é possível suscitar os conteúdos desenvolvidos em sala de aula e também aguçar o aluno para o novo.

Palavras-chave: Ensino de Ciências Humanas, Atividade de Campo, Ensino de Geografia, Ensino de Sociologia.

Introdução

O presente trabalho surgiu de uma atividade de campo realizada pelos autores com os estudantes do terceiro ano do ensino médio técnico integrado, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Câmpus Caxias do Sul/RS (IFRS) no ano de 2014. Após a realização da atividade, e motivados pelas ricas experiências vivenciadas durante os dois dias de nossa atividade junto com os alunos, passamos a refletir sobre as possíveis contribuições que seu uso pedagógico poderia prestar à educação básica. A partir disso, buscamos fazer uma análise da importância do desenvolvimento de trabalhos de campo no ensino de Ciências Humanas, tendo como foco a educação básica.

A saída de campo permite a percepção e identificação dos fenômenos e do conteúdo construído em sala de aula, em especial para as Ciências Humanas, que trabalham muito com textos e conceitos, além de fenômenos socioeconômicos e culturais. Através das saídas à campo, é possível desenvolver com os alunos o aprimoramento crítico, a partir da análise dos fenômenos estudados. Além disso, a utilização dos aparatos, tais como cartas, mapas e o GPS, bem como o convívio com outros grupos sociais, o diálogo e a vivência do novo, contribuem para a construção da autonomia do estudante. Sendo assim, a saída de campo permite o reconhecimento das Ciências Humanas e seus fenômenos, bem como favorece a aprendizagem dos conteúdos e conceitos, aproximando os alunos da realidade espacial.

O trabalho de campo foi realizado no município de Sant`Ana do Livramento-RS, fronteira com Rivera-Uruguai. Por ser uma região de fronteira, permitiu aos estudantes um contato com outra realidade social, econômica e cultural. Nesse município visitamos a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o Instituto Federal Sul-Riograndense (IFSUL – Câmpus Binacional Brasil-Uruguai), a Unisna Eólica de Cerro Chato e a Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste (Cooperforte). Através de nossa experiência, apresentamos nesse artigo as possibilidades de aplicação das saídas de campo no ensino das Ciências Humanas como um instrumento de uma prática de ensino que possibilita aos estudantes um ensino crítico e prático, através do desenvolvimento de novas habilidades e competências.

A saída de campo e as ciências humanas

Uma das contribuições que as disciplinas das Ciências Humanas devem oferecer ao aluno é o desenvolvimento da capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente, observando a realidade, tendo em vista sua transformação. Tal compreensão da realidade, do espaço produzido e das relações entre homem e natureza, passa pelo entendimento das relações sociais de produção do espaço. Então, por que não aglutinamos nossas disciplinas em uma atividade que possa estabelecer o diálogo entre nossos conteúdos? Qualquer conteúdo isolado torna-se inútil. Foi justamente desse pensamento que surge nossa proposta de campo, baseada no diálogo da Sociologia com a Geografia. Uma práxis que prega o fim da separação dicotômica entre disciplinas e conteúdos. Para Cavalcanti (2012, p.117) “é papel do professor é estabelecer relações cognitivas, afetivas e sociais com os jovens escolares, visando a formação de conceitos abrangentes sobre a espacialidade contemporânea [...]”

No IFRS, percebe-se a importância da prática dos conteúdos nos laboratórios, que despertam a vontade e aguçam o conhecimento dos alunos. Para aprender química precisamos experimentá-la. Para as disciplinas da área das humanidades não é diferente. Entretanto, para as nossas ciências não existe um laboratório fechado e equipado. Existe um vasto 'laboratório' a céu aberto, que ultrapassa os muros da instituição. Ele se constitui no tempo, nas relações culturais, econômicas, sociais, ou seja, nosso laboratório se constitui no tempo e no espaço, e é materializado, principalmente, nas relações humanas que são estabelecidas.

sair da lógica estrita da disciplina teórica, que pressupõe a aprendizagem circunscrita à apresentação da teoria mais recente da

pesquisa científica; superar a lógica do professor que sabe tudo e do aluno que vai “absorver” o conteúdo; buscar uma aprendizagem contextualizada [...] (CAVALCANTI, 2012, p. 105).

Nesse cenário, o trabalho de campo, surge como uma proposta que pode articular as disciplinas humanas, criando um elo fundamental para a educação básica. Assim, muito mais que transmitir conhecimento, o professor passa a pensar em projetos de intervenção na realidade educativa. Os agentes envolvidos no processo – professor e alunos - deve estar, ao longo de sua formação, voltados para as necessidades e possibilidade de entender e vivenciar a sociedade.

É fundamental o aluno perceber que as disciplinas da área das humanas não se resume o que está no livro didático. Perceber que em seus cotidianos estão exercitando e praticando nossas ciências. Assim, entende-se que o aluno deva se tornar o construtor de seu conhecimento, um ser crítico que consiga ler e interpretar as diferentes relações sócio humanas da sociedade. Cabe ao educador fornecer a orientação necessária para que os conceitos e temas sejam bem compreendidos, permitindo assim que eles possam entender as relações estabelecidas no seu cotidiano, e também fora dele. Lopes e Pontuschka (2009, p.176) discutem o estudo do meio como uma importante prática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem:

faz parte, de uma “tradição escolar” inspirada em educadores tais como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), que tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social [...].

Assim, no campo o aluno aprende a observar, interpretar e refletir sobre as transformações antrópicas e naturais que ocorrem no espaço; no campo é possível perceber todo o dinamismo do espaço. É no campo que os alunos têm contato direto com os objetos e os fenômenos concretos que estão sendo estudados em sala de aula. O conteúdo teórico torna-se concreto a partir desse contato. Considerando a educação básica como um momento de consolidação dos saberes, passa a ser fundamental a existência desses projetos.

Torna-se relevante entender e saber construir uma atividade de campo, para que ela não seja interpretada pela coordenação e demais professores como uma simples excursão ou passeio, revelando uma falta de riqueza pedagógica. Quando propomos uma saída de campo, tem-se um trabalho de preparação do campo, tais como estudo de conceitos, conteúdos e até mesmo do local que irá se conhecer *in loco*. Essa preparação deve ocorrer, principalmente, no sentido pedagógico, pois é fundamental que a saída a campo faça sentido para os alunos. É importante que eles possam enxergar um estreito relacionamento entre as aprendizagens de sala e as proposições de estudo no campo. O distanciamento entre conteúdos da sala e as observações no campo faz com que os alunos não percebam os objetivos da saída de campo.

Após a realização da saída à campo, inicia-se um processo de síntese de conteúdos e percepções. Momento esse fundamental para o trabalho docente, uma vez que é quando vamos conseguir perceber as relações que os estudantes estabelecem entre o campo e os conteúdos. É justamente agora que iremos enxergar quais pontos e visitas aguçaram mais o conhecimento, o que eles conseguem construir a partir da prática do campo. Essa preparação pode ocorrer de maneira interdisciplinar, o que tornará o trabalho mais rico.

Outro fato fundamental e pouco observado é que a saída de campo é uma práxis educadora, sendo fundamental para o desenvolvimento completo e crítico dos estudantes. Práxis é a expressão de atitude do sujeito diante da realidade. Essa atitude frente à realidade busca encontrar um fim previamente estabelecido. O fim prefigura, nesse sentido, o resultado da *práxis*. Para Vázquez (2007, p. 226),

o fim dessa atividade é a transformação real, objetiva, do mundo natural ou social para satisfazer determinada necessidade humana. E o resultado é uma nova realidade que, subsiste independentemente do sujeito ou dos sujeitos concretos que a engendraram com sua atividade subjetiva, mas que, sem dúvida, só existe pelo homem [sic] e para o homem [sic], como ser social.

Desta maneira, Vázquez salienta que a *práxis* é uma atividade, porém “nem toda atividade é práxis” (VAZQUEZ, 2007, p. 219). A atividade não passa de uma ação realizada, seja por ação antrópica ou natural, que tem como finalidade a modificação da matéria ou de uma realidade. Logo, essa ação humana pode ocorrer de maneira consciente ou inconsciente, sobre um objeto ou instituição social. Quando se fala em *práxis*, tem-se uma ação à qual se pratica consistentemente, pensando na efetivação da vontade que se idealiza antes de realizar essa atividade. Sendo assim, na *práxis*, antes mesmo da realização da atividade, já é idealizado um resultado, sendo que para alcançá-lo, o ser humano não apenas modifica o meio, mas aceita ser reposicionado em sua relação com o espaço. Portanto, a grande diferença entre a atividade e a práxis está justamente na tomada de consciência para chegar ao objetivo final, bem como todo resultado da prática se modifica e se adequa às necessidades impostas pelo meio antrópico ou natural ao longo da execução dessa atividade.

Com isso, a saída de campo, enquanto *práxis* educativa deve ser entendida como uma metodologia coerente de ensino na área das Ciências Humanas. Ressaltam-se ainda as potencialidades das atividades de campo, como uma oportunidade do estudante aprender, assimilando e relacionando de maneira ativa as informações. Com isso, ele passa a estabelecer relações entre os conteúdos e a realidade visitada. A partir do momento em que o grupo interage de maneira ativa na saída de campo, o estudante assume um papel ativo, aguça o novo, diferente das experiências tradicionais de ensino em que o aluno é passivo.

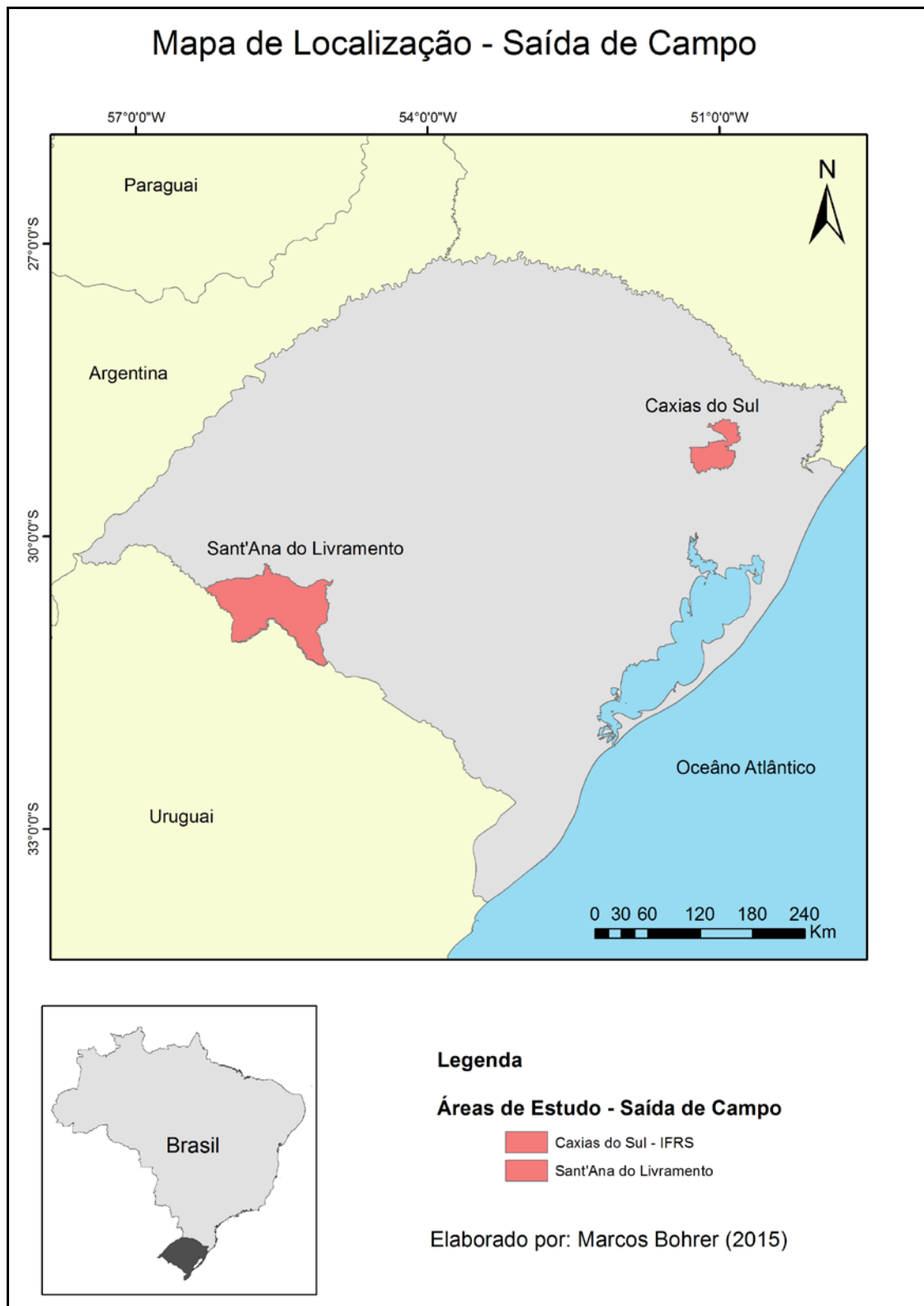
Saída de campo: quando a Geografia encontra a Sociologia e vão ao campo.

Para Saviani (SAVIANI, 2003), a interdisciplinaridade é indispensável para a implantação de um processo inteligente de construção do currículo de sala de aula – informal, realístico e integrado. Através da interdisciplinaridade o conhecimento passa de algo setorizado para um conhecimento integrado onde as disciplinas científicas interagem entre si. É justamente nessa proposta de conhecimento integrado que surge a proposta de uma saída de campo das disciplinas de Geografia e Sociologia.

O trabalho de campo ocorreu no final do segundo semestre do ano de 2014, com uma turma de alunos do terceiro ano do Ensino Médio Integrado (curso Técnico em Plásticos) do IFRS Câmpus Caxias do Sul. Todos os locais visitados localizam-se em Sant`Ana do Livramento-RS, fronteira com Rivera-Uruguai. Por ser uma região de fronteira, permitiu aos estudantes um contato com outra realidade social, econômica e cultural. Diferente de Caxias do Sul, onde predominam as atividades industriais, a região da fronteira, economicamente tem como base as atividades agrosilvopastoris e comerciais. Outro fato que marca uma alteração clara na paisagem entre as duas regiões é a diferença entre biomas: em Caxias do Sul temos o predomina da Mata Ombrófila Mista e em Sant`Ana do Livramento o bioma Pampa (formação herbácea). Essa alteração da paisagem foi o que chamou mais atenção dos alunos ao longo da viagem, que logo perceberam e começaram a questionar os principais motivos dessa alteração.

A escolha do município de Sant`Ana do Livramento deu-se pois ela é declarada cidade símbolo da integração brasileira com os demais países membros do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL - segundo a lei nº 12.095 de 19 de novembro de 2009, elaborada pela comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal. Além desse importante fator, é nela que encontra-se o projeto pioneiro de educação básica e técnica binacional (Brasil e Uruguai) concretizado na sede do IFSul. Além desses fatores, a escolha do município passou pela presença da UNIMPAMPA e, que nos recebeu para uma palestra explicando as políticas de integração e regionalização do

MERCOSUL, bem como as políticas institucionais para alunos uruguaios na universidade brasileira. Como se não fosse o bastante, nossa saída de campo contou com uma visita ao complexo Eólico de Cerro Chato e a COOPERFORTE – cooperativa de assentados da região.



A preparação para o trabalho de campo começou ainda no primeiro semestre de 2014, quando foi iniciada as discussões nas disciplinas acima mencionadas, em vista da formação sócio-critica dos estudantes. A partir de conceitos, artigos e seminários que tratavam sobre os temas que seriam abordado *in loco*. Diante disso, afim de otimizar a aprendizagem desenvolvida em sala de

aula, propôs-se esta saída de campo com os estudantes, tendo como principal objetivo conscientizar os mesmos sobre as questões de educação, cidadania, política e direitos humanos, permitindo assim, o processo de construção do seu conhecimento crítico sobre o espaço.

Para tanto, a primeira etapa do projeto foi realizada em sala de aula, através das discussões, leituras, sensibilização sobre a temática. Durante as exposições orais/debates em sala os alunos foram convidados a expor suas ideias. Nesta preparação levantou-se a problemática da fronteira e dos diferentes processos de integração, bem como as questões éticas, políticas e sociais. Além das exposições e artigos acadêmicos, os docentes trabalharam com as leis que formalizam todos esses processos, afim de construir um arcabouço teórico junto com os alunos, sempre observando suas posições. Outros grandes temas também foram trabalhados, mas especialmente buscou-se interligar as disciplinas de Geografia e Sociologia na questão da reforma agrária e luta pela terra. Toda a base agrária, modelo de produção e concentração fundiária foram trabalhados, bem como a questão do acesso a terra e direito a terra.

A segunda etapa das atividades se refere a saída de campo, para a qual foi estabelecido um plano de observação e a elucidação clara das atividades e objetivos os quais deveriam ser refletidos pelos alunos. Além de conhecer o local, a visita objetivou discutir sobre a organização sócio espacial, estudar as políticas públicas e as relações sociais que se fizeram presente no contexto. Assim, os alunos foram instigados a analisar as condições socioambientais, política e cultural da cidade. Outros aspectos observados foram sobre as condições de vida e de trabalho das pessoas. Após cada visita, as impressões dos estudantes foram novamente discutidas e analisadas a partir da sociologia compreensiva weberiana.

Além de aguçar os alunos para o novo, foi interessante perceber que a atividade de campo permitiu também estreitar as relações entre os alunos, favorecendo um companheirismo resultante da experiência em comum e da convivência entre os sujeitos envolvidos que perdura no ambiente escolar. Também foi possível estreitar a relação dos alunos com os professores.

Considerações finais.

A saída de campo, elaborada pelos professores Vitor Schlickmann (Sociologia) e Marcos Bohrer (Geografia), foi pensada como uma ação de integração e síntese de conteúdos para as disciplinas de Sociologia e Geografia. Através dela, foi possível romper com a rotina de sala de aula, proporcionando um momento de percepção pelo novo por parte dos alunos, onde mundo teórico, de dentro da sala de aula, se torna mais concreto e palpável aos olhos dos alunos. É justamente nesse momento, que os sentidos dos alunos são aguçados pelo novo. É no campo que o aluno desenvolve a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente, observando a realidade, tendo em vista as relações geográficas e sociais produzidas no ambiente. Por tanto, vivenciar um espaço de fronteira é fundamental para os nossos alunos.

Ao longo da saída de campo foi possível observar um grande envolvimento e interesse dos alunos em relação às temáticas abordadas. Em todas as atividades programadas ao longo da saída, eles questionaram, se inteiraram dos assuntos, sempre relacionando-os com os temas estudados em sala de aula. Através desse comportamento, observamos alguns fatores fundamentais que comprovam a eficiência da saída de campo como metodologia de ensino para o ensino médio, tais como: a capacidade de observação dos fenômenos *in loco*; as relações estabelecidas entre os fenômenos observados e os conteúdos estudados; a contribuição da interdisciplinaridade para uma percepção crítica dos fenômenos analisados; a quebra da aula tradicional em sala de aula promove a aprendizagem; e por último mas não menos importante, a contribuição para a integração e cooperação do grupo e dos professores também contribui para uma um relacionamento com mais diálogo e de confiança.

Para o ensino básico, acreditamos que o campo pode servir como um estímulo para a aprendizagem pois nele o aluno assume o papel de sujeito da construção do conhecimento. Sendo assim, o trabalho de campo acaba sendo imprescindível no ensino básico, especialmente na área das Ciências Humanas, uma vez que o estudante quebre a rotina e interaje de maneira ativa no processo de aprendizagem.

Bibliografia

CALLAI, Helena Capetti. Educação geográfica: reflexão e prática. Ijuí, RS : Ed. Unijuí, 2011.

CASTELLAR. S. Currículo, Educação Geográfica e Formação Docente. Desafios e Perspectivas, v.2, n.2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/tamoios/anterior.htm>> .

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de Geografia na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FREITAS, Maria Auxiliadora S. Práxis pedagógica e professores Intelectuais: refletindo as tensões e concepções da formação/prática docente: Vitória da Conquista: Praxis Educacional: n. 1, p. 135-150, 2005.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia** (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VÁZQUEZ, Sánchez Adolfo. *Filosofia da práxis*. 1. ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2007.